

RELICI

MULHERES VISUAIS: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA MÍDIA VISUAL QUE EDUCARAM E CONSTRUÍRAM MODELOS DE FEMINILIDADE DURANTE O SÉCULO XX E XXI[1]

VISUAL WOMEN: FEMALE REPRESENTATIONS IN VISUAL MEDIA THAT EDUCATED AND CONSTRUCTED MODELS OF FEMININITY DURING THE 20TH AND 21ST CENTURIES

Shamira Mikena Reis Amorim[2] Kênia Hilda Moreira[3]

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo mapear e analisar informações referentes a produções acadêmicas acerca das representações visuais femininas em diferentes mídias, com ênfase no cinema, na literatura e nos impressos de informação, com o intuito de compreender como tais pesquisas têm abordado a construção de modelos femininos ao longo do século XX. Trata-se de um estudo de revisão de literatura, desenvolvido a partir de levantamentos e análise de produções de conhecimento localizadas em diferentes bases de dados. O corpus é formado por estudos que investigam representações femininas em filmes, romances, revistas femininas, jornais, publicidade e outros impressos veiculados no meio social. A análise da pesquisa evidenciou a forte predominância de estudos voltados à identificação de gênero, assim como a permanência de representações reprodutivistas associadas à beleza, domesticidade, maternidade e objetificação do corpo feminino. Por outro lado, é constatada a presença de lacunas relacionadas à articulação entre diferentes suportes de transmissão midiática e à compreensão feminina sempre presente na mídia visual por seus valores sociais, mas também pela busca de participação ativa na construção de novos modelos de feminilidade e da formação de subjetividades.

Palavras-chave: representações femininas, mídia visual, feminilidade, gênero, revisão de literatura.

[1] Recebido em 31/08/2026. Aprovado em 15/09/2026. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.23929374
[2] Universidade Federal da Grande Dourados. shamiramikena.ufgd@gmail.com
[3] Universidade Federal da Grande Dourados. keniamoreira@ufgd.edu.br



ABSTRACT

This article aims to map and analyze academic research regarding visual representations of women across various media — with an emphasis on cinema, literature, and print media — to understand how such studies have addressed the construction of female models throughout the 20th century. This is a literature review based on the survey and analysis of scholarly works found in various databases. The corpus consists of studies investigating representations of women in films, novels, women's magazines, newspapers, advertising, and other print media circulating in society. The analysis revealed a strong predominance of studies focused on gender identity, as well as the persistence of reductionist representations linked to beauty, domesticity, motherhood, and the objectification of the female body. Conversely, gaps were identified regarding the interplay between different media platforms and the understanding of women — who are ever-present in visual media not only through social values but also through their pursuit of active participation in constructing new models of femininity and shaping subjectivities.

Keywords: female representations, visual media, femininity, gender, literature review.

Ela está sorrindo. Mas será que está feliz?
(O Sorriso de Monalisa, 2003)

ENTRE IMAGENS E DISCURSOS: REPRESENTAÇÕES FEMININAS E A CONSTRUÇÃO DE MODELOS DE MULHER

As múltiplas representações femininas constituem uma temática amplamente discutida por diferentes pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento ao longo da história, nas quais se destacam os campos da História, Educação, Literatura, Estudos de Gênero e Comunicação. No decorrer do século XX, a ampliação dos meios de comunicação e da cultura visual contribuiu para a notória circulação de imagens, discursos e narrativas que, ao ganharem cada vez mais espaço, influenciaram significativamente a construção social do conceito de feminino.

Cinema, literatura, revistas, jornais e publicidades passaram a desempenhar um papel fundamental na construção e difusão de modelos de comportamento; padrões estéticos foram criados e expectativas sociais inalcançáveis foram atribuídas às mulheres. Nesse contexto, as representações femininas exercem a função de criar retratos da realidade, constituindo-se como produções culturais capazes de influenciar



os modos de pensar, agir e compreender o lugar da mulher no mundo em que vivem, moldando novos seres ao bem-querer daqueles que propagam esses ideais.

A relevância do tema se justifica pela ausência de mapeamentos de estudos de forma sistemática, identificando produções, tendências, contribuições e lacunas investigativas, embora haja uma crescente produção acadêmica de representações femininas em diferentes suportes midiáticos sobre mulheres, as formas de abordagem ainda são instigantes para a pesquisa. Partindo do entendimento de que as imagens, personagens, discursos e narrativas presentes nos meios de comunicação constituem importantes indícios dos valores e concepções que orientaram diferentes sociedades em relação ao papel feminino, este trabalho se propõe a investigar a relação com a construção de modelos femininos a partir das representações propagadas.

A perspectiva indiciária proposta por Carlos Ginzburg (1989) oferece importante contribuição para a análise das representações femininas, em suas diferentes micro-histórias visuais, permitindo a compreensão de imagens, personagens e discursos como vestígios capazes de revelar concepções mais amplas e profundas sobre o lugar da mulher ao longo de diferentes contextos. Dialogamos com os pressupostos apresentados por Galvão e Moreira (2021) em *Impressos que Educam?* ao destacarem a importância dos impressos como fontes e objetos de investigação na História da Educação, evidenciando que tais materiais participaram e participam ativamente na circulação de ideias, valores e práticas, como espaços informais de cultura educativa.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente artigo adota uma abordagem qualitativa, por se tratar de uma modalidade investigativa que busca identificar, sistematizar e analisar a produção acadêmica existente em relação ao tema proposto. Nesse sentido, Minayo (2009) afirma:

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos



> motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (Minayo, 2009, p. 21)

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de uma revisão da literatura, a partir de buscas em bases de dados amplamente utilizadas em pesquisas acadêmicas brasileiras, como Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Ao realizar as consultas, foram utilizados descritores que se relacionavam ao objeto de investigação; as palavras-chave utilizadas foram: “representações femininas”, “estereótipos femininos”, “representação da mulher em romances”, “mulher e identidade feminina na literatura”, “mulher e imprensa”, “mulher e publicidade”, “representações femininas no cinema”, “heroínas e inspirações femininas”. Sobre as possibilidades desse procedimento, Gil (2002) destaca:

> A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (Gil, 2002, p. 45)

O processo de seleção considerou produções que abordassem diretamente termos de representações femininas presentes em diferentes suportes midiáticos, especialmente cinema, literatura, revistas, jornais e publicidade. Excluindo estudos que tratassem exclusivamente de questões bibliográficas e históricas que não discutem os processos de representação. A análise das produções se dividiu em três eixos temáticos para melhor entendimento: representações femininas no cinema; representações femininas na literatura; e representações femininas em revistas e impressos. Determinada escolha permitiu a identificação de diferenças, tendências, aproximações presentes nas diferentes escritas acadêmicas sobre o tema abordado. Ao discutir esse tipo de investigação, Ferreira (2002) afirma:

> Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de



> mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (Ferreira, 2002, p. 257)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O corpus analisado é composto por quinze produções acadêmicas que investigam as representações femininas em diferentes mídias e contextos socioculturais.

Quadro 1 – Produções acadêmicas analisadas[4]

Autor/Ano	Título	Fonte analisada	Área	Principais contribuições
Swain (2001)	Feminismo e representações sociais	Revistas femininas	História/Gênero	Discute a construção social do feminino por meio de imagens e discursos midiáticos.
Alves (2002)	Imagens da mulher na literatura na modernidade e contemporaneidade	Literatura	Literatura	Analisa diferentes representações femininas na produção literária.
Veríssimo (2005)	A mulher objeto na publicidade	Publicidade	Comunicação	Analisa a objetificação feminina em anúncios.
Grillo (2007)	Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel	Literatura de cordel	História/Literatura	Analisa estereótipos femininos associados às figuras de Eva e Maria.
Souza e Fernández (2011)	A representação da mulher de periferia no cinema brasileiro	Cinema brasileiro	Comunicação	Problematiza estereótipos e invisibilidades sociais.
Rocha e Woitowicz (2013)	Representações de gênero na mídia	Jornais e revistas	Comunicação	Investiga desigualdades e estereótipos de gênero na imprensa.
Teixeira (2014)	Entre o público e o privado: imprensa e representação feminina	Revista A Bomba	História Cultural	Discute revistas como instâncias pedagógicas de subjetivação feminina.
Brasiliense (2017)	O olhar tem gênero? O corpo feminino no cinema	Cinema	Sociologia	Discute corpo, olhar e representação feminina.
Oliveira-Cruz (2017)	Representações do feminino na publicidade	Publicidade	Comunicação	Discute estereótipos e rupturas nas representações femininas.
Schneider (2017)	A revolução das mulheres	Textos políticos	História	Discute emancipação feminina e relações de gênero.

Continua

[4] Com base no período em que a pesquisa foi realizada durante o ano de 2026.



Quadro 1 – Produções acadêmicas analisadas - continuação

Autor/Ano	Título	Fonte analisada	Área	Principais contribuições
Taube (2020)	A representação da mulher como personagem no cinema	Cinema	Design/Cinema	Analisa a construção narrativa das personagens femininas.
Cardoso e Lago (2022)	As mulheres em Orgulho e Preconceito	Romance	Literatura	Analisa educação feminina e protofeminismo.
Silva (2024)	Hipersexualização de heroínas em HQs e filmes	HQs e cinema	Design de Moda	Discute a sexualização do corpo feminino.
Lima (2025)	O lugar da mulher na educação e na ciência	Educação e ciência	Educação	Analisa trajetórias femininas e representatividade.
Mac Knight (2025)	Estereótipos femininos no cinema de ficção científica hollywoodiano	Filme Gravidade	Cinema	Analisa a representação da cientista mulher.

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras (2026)

A variedade dos trabalhos encontrados durante a busca demonstra o amplo interesse acadêmico de pesquisa e aprofundamento em relação ao tema e a necessidade de destacar a trajetória das mulheres, constatando o domínio de pesquisas relacionadas, principalmente aos campos de Comunicação, Literatura, História e Estudos de Gênero, evidenciando o aspecto interdisciplinar do tema.

REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO CINEMA

Entre os maiores meios de produção e circulação visual desde o início do século XX até a tecnologia mais avançada dos dias atuais, o cinema ocupa a posição de maior destaque na representação e na criação de concepções acerca de papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. Atravessando gerações e as grandes telas do cinema, de suas cores pretas e brancas para coloridas, até chegar dentro das casas de seus espectadores. Além de inspirar novas modalidades de contar histórias, como as séries que a cada dia que passa se popularizam mais por sua cativante e diversificada abordagem.



Nestes processos criativos, personagens femininas se tornaram elementos de interesse de observação para pesquisadores em busca de compreender a visão que essas mulheres ajudaram e ajudam a produzir. Os estudos analisados neste eixo revelaram que a representação das mulheres no cinema se apresenta de forma ampla e recorrente nas pesquisas relacionadas a gênero e mídia visual. Ainda que cada investigação apresente diferentes abordagens metodológicas e objetos distintos, suas especificidades convergem para a compreensão de que as imagens cinematográficas não apenas possuem a capacidade de refletir realidades, mas também ajudam a construir padrões e identidades.

Um dos trabalhos mais significativos identificados durante o levantamento é o de Taube (2020), ao analisar a representação da mulher como personagem nas histórias dos filmes. A autora parte do pensamento das mulheres como personagens construídas historicamente por perspectivas masculinas, de forma frequente ocupando posições secundárias em relação aos protagonistas homens. A análise evidencia que, ao longo da história do cinema, as mulheres representaram papéis recorrentes nas histórias, como a donzela em perigo, a mulher frágil, a secretária, a professora, a enfermeira, a ingênua sem conhecimentos, a mãe dedicada, a esposa submissa, a “femme fatale”[5] ou a figura romântica responsável por impulsionar o desenvolvimento do protagonista masculino.

O estudo de Taube (2020) demonstra que tais conceituações não são neutras; ao contrário, auxiliam na consolidação das expectativas sociais acerca do que seria comportamento feminino, reforçando modelos específicos considerados desejáveis em determinados períodos históricos. Desse modo, o cinema funciona como um meio de produção simbólica, capaz de legitimar normas sociais e naturalizar relações de superioridade entre gêneros.

> Você não pode envelhecer, ser grosseira, se exibir, ser egoísta, cair, falhar, demonstrar medo ou sair da linha. É muito difícil! É muito contraditório e

[5] A 'femme fatale' é um arquétipo feminino na literatura, cinema e cultura pop, representando uma mulher sedutora, misteriosa e perigosa, que atrai homens para seu mundo com carisma e manipulação.



> ninguém te dá uma medalha ou agradece! E no fim das contas, você não só está fazendo tudo errado, como também tudo é culpa sua. (*Barbie, 2023*)

Esta discussão se aproxima das reflexões apresentadas por Maria Bernadete Brasiliense (2017), ao investigar a representação do corpo feminino no cinema a partir de sua análise dos filmes *Cléo de 5 às 7* (1962) e *Todas as mulheres do Mundo* (1966). A autora questiona se o olhar cinematográfico possui gênero e argumenta que a construção visual dos corpos femininos está ligada principalmente às perspectivas dos idealizadores e realizadores. Segundo Brasiliense (2017), os cineastas envolvidos não apenas registram corpos, mas produzem significados sobre eles ao definir quais características devem ser valorizadas, admiradas, controladas e expostas. A pesquisa reforça a ideia de como o corpo feminino é por diversas vezes apresentado como objeto de contemplação visual, contribuindo para a cultura imagética na qual a mulher é constantemente julgada e avaliada por critérios estéticos estabelecidos por outros, em sua maioria homens.

O corpo feminino como objeto central também é destaque na pesquisa de Silva (2024), que investiga a hipersexualidade de heroínas em quadrinhos e filmes de super-heróis. A investigação levantada revela que, mesmo em narrativas nas quais as mulheres ocupam posições de protagonismo e poder, seus corpos continuam sendo representados de forma erotizada. Seus trajes excessivamente justos, decotados, poses sensuais e proporções corporais irreais, além de várias partes do corpo à mostra, se tornam elementos principais na aparência e construção dessas personagens.

Silva (2024) argumenta em seu trabalho que essa hipersexualização revela uma contradição, muito presente na cultura visual contemporânea, pois, embora as heroínas sejam apresentadas como figuras fortes, independentes e capazes de desempenhar funções tradicionalmente destinadas às mulheres, suas representações continuam subordinadas ao olhar masculino e aos seus critérios. Fenômeno que comprova que, mesmo com os avanços na participação feminina em espaços de protagonismo, não se elimina o mecanismo de objetificação e controle simbólico.



Outra perspectiva muito interessante identificada no levantamento de dados refere-se à presença das mulheres em áreas associadas aos homens. O trabalho de Mac Knight (2025), centralizado na personagem fictícia Dra. Ryan Stone, do filme *Gravidade* (2013), analisa a representação de mulheres cientistas no cinema de ficção científica hollywoodiano. Mac Knight investiga se as personagens que ocupam posições de destaque científico continuam sofrendo a submissão a estereótipos de gênero ou se realmente compõem formas complexas para a construção do enredo.

> Você tem que ser magra, mas não magra demais. E você nunca pode dizer que quer ser magra. Você tem que dizer que quer ser saudável, mas também tem que ser magra. Você tem que ter dinheiro, mas não pode pedir dinheiro porque isso é grosseiro. Você tem que ser uma chefe, mas não pode ser má. Você tem que liderar, mas não pode reprimir as ideias dos outros. Você deve amar ser mãe, mas não fale dos seus filhos o tempo todo. Você tem que ser uma mulher de carreira, mas também sempre estar atenta aos outros. (*Barbie*, 2023)

Os resultados obtidos apontam que, embora haja avanços na presença de mulheres em papéis profissionais de prestígio, ainda está presente o desafio relacionado a como são representadas. De forma persistente, atributos emocionais ou características associadas à fragilidade continuam sendo enfatizados como elementos fundamentais na construção de uma personagem feminina. A pesquisa esclarece que a inserção das mulheres ainda não foi suficiente para a superação dos estereótipos.

Além das pesquisas relacionadas ao corpo e à profissão, alguns estudos focam a atenção e os questionamentos nas diferenças sociais e econômicas nas representações femininas cinematográficas, destacando-se a pesquisa de Souza e Fernandez (2011). A pesquisa é dedicada à análise da representação da mulher brasileira na periferia. As autoras examinam filmes baseados em fatos reais e ficcionais que retratam a realidade urbana periférica, buscando entender como essas mulheres são apresentadas ao público.

A investigação demonstrou que essas mulheres aparecem com grande frequência associadas à violência, pobreza e vulnerabilidade social, embora sejam contextos que contribuem para a visibilidade de determinadas experiências



historicamente marginalizadas; a frequência com que tal tema é apresentado reforça imagens estereotipadas que reduzem essas mulheres exclusivamente às condições de exclusão que vivenciam, assim como à forma como são tratadas.

Em conjunto, os trabalhos consultados reforçam que as pesquisas acadêmicas voltadas para a representação feminina no cinema possuem três grandes dimensões: o corpo feminino, os papéis sociais desempenhados pelas mulheres e os processos de estereotipação. Em diferentes contextos históricos e cinematográficos, é evidente a constante recorrência de representações que vinculam as mulheres à beleza, à sensualidade, à maternidade e à fragilidade emocional.

Entretanto, através das pesquisas, é possível identificar os movimentos de ruptura ao longo do tempo; personagens, cientistas, heroínas, protagonistas e independentes indicam as transformações de grande significado positivo na forma como as mulheres são representadas. Tais mudanças, contudo, não fazem com que desapareça por completo a permanência de padrões tradicionalistas, evidenciando a coexistência de modelos antigos e novos de feminilidade.

Ao partirmos da perspectiva do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989), essas idealizações visuais podem ser compreendidas como vestígios e pistas do todo. Os detalhes presentes nos figurinos, nos enquadramentos, diálogos e trajetórias das personagens funcionam como um conjunto de perspectivas masculinas frequentemente impostas em uma única visão para se contar um lado da história. Assim, ao todo, as pesquisas analisadas permitem concluir que o cinema vai além de um espaço de entretenimento; as narrativas cinematográficas participam ativamente das percepções sociais em relação aos papéis femininos, contribuindo para a formação de imaginários coletivos sobre o que significa ser mulher.

REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA

A literatura ainda se faz muito presente na vida ~~de muitos~~ homens e mulheres. Por meio de personagens, narrativas e discursos, diferentes obras literárias, ~~sejam elas~~ fictícias ou não, possuem a capacidade de influenciar como os sujeitos podem



compreender a si mesmos e a sociedade em sua volta. Em relação às representações femininas, a literatura desempenhou e por muitas vezes ainda desempenha papéis imaginários, mas significativos, de comportamentos e situações que influenciam o que meninas e mulheres devem considerar atraente, cativante, satisfatório ou como perspectiva, positivamente e negativamente, a partir de palavras escritas por pessoas que talvez nunca cheguem a conhecer, mas que influenciam suas escolhas de ser.

Os estudos analisados referentes a este eixo evidenciam que as pesquisas sobre as representações femininas na literatura têm se concentrado na pesquisa dos modos pelos quais personagens e narrativas são construídas, em como reproduzem, questionam ou transformam concepções sobre o feminino. Os trabalhos selecionados contemplam gêneros literários e períodos distintos, mas significativos em suas perspectivas, observando suas preocupações em determinados pontos.

Uma das produções identificadas é o estudo de Grillo (2007), cujo título é *Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel*. A pesquisa da autora investiga a construção das figuras femininas na literatura popular nordestina, ao analisar como os cordelistas representaram as mulheres ao longo da primeira metade do século XX. O trabalho constata que, em sua maioria, as representações foram construídas a partir de uma lógica dicotômica, em que as mulheres eram classificadas em dois tipos opostos: a mulher virtuosa, associada à figura religiosa de Maria, e a mulher pecadora, vinculada à imagem bíblica de Eva.

Segundo a autora, a criação dessa divisão produziu uma série de estereótipos que influenciaram as percepções sociais sobre o feminino. As mulheres consideradas obedientes, recatadas e dedicadas à família eram valorizadas, enquanto as que desafiavam as “normas morais” ou comportamentais eram apresentadas de forma negativa (Grillo, 2007). Assim, a literatura de cordel contribuiu não somente para a difusão de modelos de feminilidade baseados em valores patriarcais e religiosos, como também reforçou expectativas sociais relacionadas aos comportamentos das mulheres.



Outra importante contribuição revela-se no capítulo “Imagens da mulher na literatura na modernidade e na contemporaneidade”, de Ivia Alves, publicado na coletânea *Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea* (2002). A autora analisa como a presença feminina na literatura demonstra que as personagens femininas passaram por transformações ao longo do tempo, pois se em determinadas épocas predominavam figuras femininas associadas à domesticidade, à submissão ao lar e à dependência masculina, a literatura atual passou a apresentar as personagens femininas como a principal protagonista das histórias, seja qual for o mundo que habita e a função que desempenha, capazes de expressar seus desejos, conflitos e próprios projetos, com ou sem auxílio de personagens masculinos para as suas aventuras.

> Nós gostamos de ouvir que somos adoradas, e queremos que as pessoas repitam isso o tempo todo. Quando a pessoa se acostuma a ouvir, precisa de cada vez mais só para se manter equilibrada. (Os sete maridos de Evelyn Hugo, REID, 2019)

Apesar de muitos estereótipos estarem presentes, associando a mulher à beleza, ao amor romântico e ao cuidado com os outros, novas formas de representação têm emergido para todas as idades, demonstrando que a literatura não apenas acompanha mudanças sociais, mas também participa dos debates sobre o lugar da mulher e seu espaço, constituindo os livros e as histórias espaços de disputas de significados e novas inspirações.

A relação entre literatura e educação feminina está presente de forma muito significativa na pesquisa de Cardoso e Lago (2022), que analisam as personagens femininas do romance *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, que, embora publicado em 1813, recebeu inúmeras republicações e adaptações ao longo dos anos. As autoras ressaltam que a obra se apresenta como um retrato detalhado das expectativas sociais direcionadas às mulheres do século XIX na Inglaterra, especialmente em relação ao casamento, à educação e à importância das aparências na sociedade (Cardoso; Lago, 2022).

O estudo das autoras deixa claro que as personagens femininas são constantemente avaliadas a partir de critérios em relação à moralidade, ao



comportamento e à capacidade de estabelecer alianças matrimoniais consideradas vantajosas sobretudo para suas famílias. No contexto da época, a educação feminina é unicamente preparar as mulheres para ocuparem posições socialmente valorizadas pelo casamento; entretanto, é possível identificar elementos na obra que possuem críticas às limitações impostas às mulheres, por meio da construção da protagonista Elizabeth Bennet, cuja autonomia intelectual e capacidade criticavam, além do ambiente que vivenciava, as expectativas tradicionais. A análise da obra *Orgulho e Preconceito* demonstra que, de forma simultânea, a literatura independente de sua época pode, sim, reproduzir e questionar modelos impostos. Jane Austen, ao apresentar personagens que negociam, resistem ou se adaptam às normas sociais, principalmente por se tratar de um contexto que a própria autora vivenciava, revela as complexidades dos processos de consequências identitárias vivenciadas pelas mulheres.

Ao observar em conjunto as três pesquisas, é possível perceber que a literatura tem sido compreendida pelos pesquisadores como um espaço privilegiado para investigações, pois, diferentemente de abordagens que tratam as obras apenas como manifestações artísticas, os trabalhos analisados demonstram que há muito mais à primeira vista, constituindo as histórias como importantes documentos culturais, capazes de revelar concepções compartilhadas, valores e crenças de diferentes contextos históricos. A análise das representações femininas na literatura ultrapassa o estudo das obras em si e permite compreender aspectos significativos das sociedades que as produziram.

É possível notar nas diferentes pesquisas analisadas o recorrente aspecto da relação entre feminilidade e moralidade, pois tanto na literatura de cordel quanto nos romances estudados, as mulheres se tornam mecanismos para instruir e classificar com base em seus comportamentos e condutas. As personagens femininas literárias são frequentemente recompensadas ao seguirem normas sociais estabelecidas e punidas quando se afastam delas. Esses padrões evidenciam a função pedagógica



exercida pelas narrativas, ao transmitirem valores e expectativas limitados por seus contextos.

Nesta interpretação, ainda que não vinculada diretamente às instituições escolares, a literatura pode ser compreendida como uma instância educativa; por meio da circulação de personagens, suas histórias e modelos de comportamento, as escritas literárias podem contribuir para a formação de imaginários sociais e para a construção de referências sobre o significado de ser mulher em diferentes contextos históricos.

As obras literárias e suas personagens femininas que desafiam convenções, questionam desigualdades e reivindicam autonomia revelam a existência de disputas simbólicas em torno da definição de papéis sociais femininos, definindo a leitura como espaço de revoluções, tratando a leitura com sua devida importância como fonte privilegiada de compreensão das múltiplas formas pelas quais as mulheres foram imaginadas, criadas e representadas na cultura ocidental e no que seria certo e errado.

REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM IMPRESSOS

Entre os diversos suportes de análise para a produção acadêmica, as revistas, os jornais e a publicidade ocupam posição de destaque nos estudos sobre as diferentes representações femininas. Tais meios de comunicação, especialmente se tratando do século XX, alcançaram ampla circulação social ao participarem ativamente da difusão de valores, normas e condutas a serem seguidas. Os estudos reunidos neste eixo relatam que os impressos não apenas retrataram a condição feminina em suas contextualidades e reconstruções de indivíduos que não podem mais ser consultados, mas também foram reconstruídos com base nos conteúdos que consumiram. "Sempre que o homem sair com os amigos e voltar tarde da noite, espere-o linda, cheirosa e dócil." (*Jornal das Moças*, 1958).

A relevância da análise desses materiais encontra respaldo nas pesquisas desenvolvidas por Galvão e Moreira (2021), ao defenderem os impressos como



importantes fontes e objetos de investigação na história da educação, pois segundo as autoras tais suportes ultrapassam a sua condição de simples registros, constituindo-se como artefatos culturais de produção de contextos históricos específicos e influenciados por relações íntimas de poder, interesses sociais, políticos e educacionais mesmo de maneira informal, possibilitando a compreensão além das informações que veiculavam, as concepções de mundo e projetos de sociedade que procuravam difundir em seus leitores. Orientando práticas, aconselhando condutas, estabelecendo padrões estéticos ou apresentando determinadas formas de organização da vida cotidiana, esses documentos assumem funções educativas além dos espaços formais de ensino, corroborando as palavras de Galvão e Moreira (2021) de que os impressos são agentes ativos na produção e circulação da cultura escrita e, consequentemente, na formação histórica de sujeitos.

Entre as análises, o trabalho de pesquisa de Tania Navarro Swain (2001), intitulado *Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas femininas*, propõe a investigação de como a mídia impressa exerce tal influência sobre a forma como as mulheres percebem seus corpos, comportamentos e lugares sociais. Através das imagens e discursos presentes em determinadas revistas é possível analisar o esforço em moldar subjetividades e reforçar concepções (Swain, 2001).

Para a autora, é possível observar como as revistas femininas, de forma frequente, apresentam às suas leitoras o modelo idealizado de mulher, associando à juventude, à beleza, à magreza e ao consumo, representações que se limitam à descrição de características físicas e a modos específicos de agir, sentir e se relacionar. As revistas funcionam como manuais de normatização de comportamentos ditados por aqueles que escreviam, pois, mesmo se tratando de revistas femininas, os autores eram, em sua maioria, homens, que ditavam às leitoras orientações acerca do que seria considerado adequado ou desejável em relação à sua própria aparência para agrado do outro, além de abordarem “conselhos” de maternidade e relações afetivas. Ao estabelecerem padrões de beleza e comportamento, tais discursos



contribuem para a manutenção de hierarquias sociais e para a reprodução de expectativas que limitavam as possibilidades de atuação das mulheres.

Também voltado para o estudo da imprensa, o estudo elaborado por Rocha e Woitowicz (2013) investiga como eram apresentadas as representações de homens e mulheres em jornais e revistas segmentadas. As autoras analisaram diferentes publicações e identificaram a persistência de assimetrias de gênero em como as mulheres e os homens eram retratados, chegando ao resultado de que as mulheres aparecem frequentemente ligadas a temas relacionados à aparência, à vida privada e às relações afetivas, enquanto os homens, em sua superioridade, são mais frequentemente vinculados a assuntos políticos, econômicos e profissionais. Diferenças que evidenciam a permanência de representações que reforçam o universo feminino ao espaço íntimo e o masculino ao espaço público, mesmo com as mudanças significativas ocorridas durante o século XX, os estudos manifestam as contínuas reproduções dos veículos de comunicação de concepções tradicionais sobre os papéis de gênero. Não apenas refletindo desigualdades, mas contribuindo para a manutenção e renovação de repetidos modelos estereotipados.

A ligação entre imprensa e formação de subjetividades é aprofundada por Teixeira (2014) em seu estudo em relação à revista paranaense *A Bomba* (1913), a pesquisadora investigou reportagens e anúncios publicitários que representavam a figura feminina e argumenta em sua pesquisa como as revistas atuaram como autoridades pedagógicas capazes de produzir ações, assim como em outras revistas da época por meio de reportagens, colunas e anúncios publicitários o intuito era instruir a formação cultural das leitoras em suas relações em suas diferentes áreas de vida.

Os estudos no que se refere à publicidade reforçam essas perspectivas. Veríssimo (2005), ao analisar a imagem da mulher nos anúncios publicitários, identificando mais uma vez processos de objetificação do corpo feminino, destaca que a imagem da mulher é o principal artifício de publicidade, utilizada como estratégia de persuasão comercial, transformando o corpo feminino como recurso destinado à



promoção de produtos e serviços. Mesmo se tratando de publicidades direcionadas ao público masculino a mulher está presente como objeto final, tal execução contribui para a redução da mulher à sua dimensão física e estética e nada mais.

Esta discussão ganha profundidade por Oliveira-Cruz (2017), ao examinar as representações femininas na publicidade contemporânea, identificando tanto permanências quanto rupturas nos discursos publicitários. Pois, se de um lado ainda persistem em se utilizar imagens associadas à beleza, sensualidade e cuidado doméstico, por outro, é possível observar os surgimentos de representações que procuram destacar a autonomia, independência e diversidade feminina. A presença desta coexistência de modelos completamente diferentes revela as complexidades em relação às visibilidades de gênero e os paradoxos de comportamentos e incertezas que podem causar às jovens leitoras sobre qual caminho é o correto a se seguir.

Os conhecimentos analisados comprovam que a publicidade desempenhou e desempenha ação sobre o imaginário feminino; propagandas são repetidas e refeitas até o limite como reforço mental do que a mulher deve fazer. Reunidos, os trabalhos sobre revistas e publicidades evidenciam uma característica em comum: a compreensão da mídia tanto visual quanto escrita construiu identidades e definiu futuras ações, como objetos de influência da maneira como as mulheres eram vistas e como compreendiam a si mesmas, marcando diferentes gerações de mulheres e homens, que a partir dessas interpretações definiram formas de pensar e agir em relação às mulheres de seus cotidianos.

APROXIMAÇÕES, TENDÊNCIAS E LACUNAS DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

A partir das análises das produções selecionadas, foi possível a identificação de importantes aproximações entre os diferentes estudos dedicados às representações femininas na mídia visual. Independentemente dos trabalhos averiguarem diferentes tipos de suportes como cinema, literatura, revistas, jornais e publicidade, a convergência significativa em relação à compreensão das



representações como construções sociais que participaram e participam da produção de identidades e modelos de feminilidade ainda é facilmente observada.

Um dos fatores mais evidentes se refere à recorrência das pesquisas relacionadas a estereótipos femininos. Em praticamente todos os estudos analisados, a presença das representações femininas está associada à frequente comparação de características tradicionalmente ligadas à feminilidade, como a delicadeza, beleza, sensibilidade, maternidade, submissão e dedicação, representações que aparecem nos diferentes tipos de comunicação tanto em narrativas literárias quanto em produções cinematográficas, revistas femininas e anúncios publicitários.

Outra proximidade em relação aos temas se refere ao entendimento de que tais representações não são neutras; nas diferentes áreas de conhecimento, os pesquisadores destacam que as imagens, narrativas e discursos analisados participam da construção das realidades sociais de forma intencional e pensada por apenas uma camada da população. Observa-se também a forte presença de discussões relacionadas ao corpo feminino, tanto nos estudos sobre cinema como nos estudos dedicados à publicidade e às revistas femininas. O corpo aparece como elemento central da construção das representações.

Apesar das contribuições significativas identificadas através dos levantamentos, é possível observar lacunas nas produções acadêmicas. Primeiramente, é constatada a escassez de estudos que articulam diferentes suportes midiáticos para a coleta de dados de uma mesma investigação. Em sua maioria, as pesquisas se concentram em um único objeto: cinema, literatura ou imprensa, dificultando uma possível ampliação das relações existentes entre diferentes formas de produção cultural.

Outra lacuna que se faz presente diz respeito à limitada presença de pesquisas que compreendam de forma explícita a mídia visual como espaço educativo, pois, embora muitos autores reconheçam a importância de filmes, livros, revistas e anúncios como influenciadores de comportamentos e valores sociais, poucos estudos valorizam e estabelecem diálogos diretos com campos específicos,



como em nosso caso, em História da Educação. A ausência se torna ainda mais significativa ao se considerar o potencial desses materiais como atuantes na formação de subjetividades e na construção de modelos de comportamentos e educação.

Do mesmo modo foi possível identificar a predominância de estudos voltados para a análise de estereótipos de gênero, embora tema de fundamental compreensão para mecanismos de desigualdade e discriminação, observa-se uma quantidade menor de pesquisas dedicadas a estudos relacionados aos processos de construção de tais modelos, em outras palavras, muitos trabalhos priorizam representações especificas, mas poucos discutem de forma sistemática como essas representações participam da elaboração de ideias amplamente compartilhadas sobre o conceito de feminino em sociedade.

Outro apontamento que merece destaque é a reduzida produção de interlocuções entre os estudos de mídia visual e as pesquisas que trabalham a cultura escrita. Mesmo em trabalhos dedicados às revistas e aos impressos, raramente são encontradas discussões mais aprofundadas a respeito dos processos de circulação, apropriação e recepção desses materiais, constatação que sugere a necessidade de ampliação dos diálogos entre os estudos de gênero, história, educação e as investigações.

Portanto, embora as produções acadêmicas sobre representações femininas na mídia visual apresentem significativa diversidade temática e metodológica, ainda existem possibilidades de ampliação e aprofundamento das pesquisas, especialmente em relação à articulação entre os diferentes tipos de suportes midiáticos e seu potencial educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo mapear e analisar produções acadêmicas e diferentes estudos que abordassem em seu conteúdo representações femininas na mídia visual, com ênfase no cinema, na literatura e nos impressos, em busca de compreender como essas pesquisas abordam a construção de modelos de



feminilidade ao longo dos séculos XX e XXI. Ao se analisar as produções, foi possível constatar que o tema das representações femininas tem despertado de forma crescente o interesse acadêmico de pesquisadores de diferentes áreas, mobilizando campos como História, Comunicação, Literatura, Sociologia e Estudos de Gênero, diversidades e perspectivas que evidenciam a complexidade do objeto e sua multiplicidade de abordagens possíveis de investigação.

Os estudos analisados evidenciaram que as mídias visuais desempenham papel ativo na produção e circulação dessas representações, de tal forma que cinema, literatura, revistas, jornais e publicidades podem formar, em seus aspectos, uma única visão se complementados entre si, refletindo valores já existentes, mas, ao mesmo tempo, criando outros.

Por fim, conclui-se que representações femininas presentes nas mídias visuais fazem parte dos importantes objetos de investigação para a compreensão das relações de gênero e dos processos de formação cultural. No decorrer do século XX, essas representações contribuíram de forma significativa para educar olhares, comportamentos e expectativas sociais sobre o ser feminino, participando da construção de modelos de feminilidade que continuam influenciando a sociedade em pleno século XXI. Ao investigar essas representações, não estamos apenas compreendendo o passado, mas também refletindo criticamente sobre os discursos e imagens que continuam moldando as experiências e vivências das mulheres no presente e, consequentemente, no futuro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ivia. Imagens da mulher na literatura na modernidade e contemporaneidade. In: FERREIRA, Silvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do (org.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2002. p. 85-98.

BARBIE. Direção: Greta Gerwig. Produção: David Heyman, Margot Robbie, Robbie Brenner e Tom Ackerley. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2023. 1 filme (114 min.), son., color.



BRASILIENSE, Maria Bernadete. O olhar tem gênero? O corpo feminino no cinema. **Iberic@l**, n. 11, p. 121-133, 2017.

CARDOSO, Anna Carolyna Ribeiro; LAGO, Neuda Alves do. As mulheres em Orgulho e Preconceito: representação feminina no romance austeniano. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 9, n. 1, 2022.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FERREIRA, Silvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do (org.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA, 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MOREIRA, Kênia Hilda. Impressos que educam? In: MOREIRA, Kênia Hilda; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (orgs.). **Impressos que educam**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos. **Revista Esboços**, Florianópolis, n. 17, p. 123-155, 2007. **JORNAL DAS MOÇAS**. Rio de Janeiro: Editora Jornal das Moças, ano 1958.

LIMA, Kândida Eduarda Soares. **O lugar da mulher na educação e na ciência: desafios, trajetórias e inspirações**. 2025. 56 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual do Maranhão, Balsas, 2025.

MAC KNIGHT, Erika. Estereótipos femininos no cinema de ficção científica hollywoodiano: a representação da cientista mulher no filme Gravidade. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v. 32, n. 1, p. 486-505, 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire. Representações do feminino na publicidade: estereótipos, rupturas e deslizes. **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, n. 134, p. 181-200, 2017.



O SORRISO DE MONALISA. Direção: Mike Newell. Produção: Elaine Goldsmith-Thomas, Deborah Schindler e Paul Schiff. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2003. 1 filme (117 min.), son., color.

ROCHA, Paula Melani; WOITOWICZ, Karina Janz. Representações de gênero na mídia: um estudo sobre a imagem de homens e mulheres em jornais e revistas segmentadas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2013.

SCHNEIDER, Graziela (org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética**. São Paulo: Boitempo, 2017.

SILVA, Kiara Cristina Ferreira. **Moda e design de personagens: a hipersexualização de heroínas em HQs e filmes de super-heróis**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design de Moda) – Universidade Estadual de Goiás, Trindade, 2024.

SOUZA, Maria Badet; FERNÁNDEZ, Virginia Luzón. A representação da mulher de periferia no cinema brasileiro. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 195-213, jul./dez. 2011.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 11-44, 2001.

TAUBE, Jéssica Maria. **Análise fílmica: a representação da mulher como personagem no cinema**. 2020. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design Gráfico) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Entre o público e o privado: imprensa e representação feminina. **Encuentros**, Barranquilla, v. 12, n. 2, p. 79-92, jul./dez. 2014.

VERÍSSIMO, Jorge Domingos Carapinha. A mulher “objecto” na publicidade. In: CONGRESSO SOPCOM, 4., 2005. **Livro de Actas**. Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2005.